

I CONGRESSO DO BOMBO
28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa
[Painel1-Parte1-Ricardo Sá Leão](#)

Muito bom dia, muito obrigado pelo convite para estar aqui hoje, chamo-me Ricardo Sá Leão, o meu percurso de estudos foi sempre na área da chamada música clássica, nomeadamente na área do piano. Eu sempre tive algumas questões para a quais não encontrava resposta, e o meu trabalho tem, ou seja, eu tenho utilizado o meu trabalho com os meus alunos também para me dar respostas a mim próprio. Eu estudei na escola de música de Linda-a-Velha e os meus colegas que moravam ali naquela zona, hoje em dia, obviamente a maior parte não foi pela área da música, hoje em dia tem empregos diversos, e eu às vezes cruzo-me com eles, os que ainda moram lá perto ou com aqueles que tenho contacto, e pergunto se ainda tocam e a resposta é curiosa: geralmente aqueles que eram os alunos um bocadinho mais preguiçosos e que eram mais dados às festas ainda tocam, aqueles que eram mais aplicados já não tocam. Eu tenho muito próximo de mim o exemplo das minhas duas irmãs, que seguiram áreas totalmente diferentes e que ficaram, dum ponto de vista musical, com um trauma interessante, que é, elas só sabem tocar música se lhes puserem uma pauta a frente; tirando a pauta elas não sabem tocar a música. Como agora têm filhos e tem os seus empregos não tem tempo para estar aprender a música da pauta - não sabem fazer música. Têm, também, algumas limitações a nível de aprendizagem, daquilo que seria a música através da notação, nomeadamente, o facto de que, para tocar uma sonata completa, ser necessário começar no primeiro compasso e acabar no último, para haver um sentido de realização. Quando muitas vezes o tempo é limitado, 20/30 minutos, portanto, convém ter alguma flexibilidade, alguma plasticidade. Quando eu comecei a dar aulas procurei um bocadinho combater essa limitação de estar preso à partitura. Comecei a perguntar aos meus alunos, quando eles iam para aula, canções que eles conheciam para ensinar a tocar piano, e eles cantavam as canções e eu disse - então está bem vamos tocar esta canção. Às vezes, nas aulas, depois vinha o colega a seguir, e eu dizia: hoje aprendemos esta canção; queres aprender? - e eles ponham se a discutir quem é que fazia a versão correcta da canção. Eu dizia não, tu cantas assim tu cantas de outra maneira, são as duas correctas. Comecei a explorar também os jogos de palmas que os miúdos fazem nos intervalos, e é

muito engraçado porque trabalhando em várias escolas, as letras são diferentes, eles criam acrescentos, criam respostas, criam padrões rítmicos, às vezes utilizam um padrão rítmico com outra letra. E eu, um bocadinho por prazer em desarrumar, convivia muito bem com essa diferença, acontecia às vezes ter dois alunos a tocar aquilo que eles diziam ser a mesma canção, e ser totalmente diferente. Quando, no conservatório, na academia, neste caso, onde eu dou aulas, no âmbito do ensino especializado da música, surgiu a questão do que se vai fazer com as classes do conjunto dos pianistas, eu pensei que era uma boa oportunidade para desenvolver este trabalho, os alunos que tocam os instrumentos da orquestra conseguem ser agrupados em orquestras, os alunos que tocam guitarra conseguem ser agrupados em guitarra, os alunos que tocam piano iam ter mais uma aula de coro e eu pensei, não, é altura de experimentar fazer o trabalho com a percussão corporal. A Maria Ceia referiu o respeito pela tradição, eu venho dos subúrbios, onde não há tradição, porque simplesmente há 30 anos atrás ou há 40 anos atrás, não existia construção, não existiam lá pessoas, portanto tive essa liberdade de não basear na tradição mas basear-me no Youtube, basear-me nos jogos da rua dos miúdos, basear-me em ideias que apanhava aqui ou ali, e fui tentando trabalhar com os miúdos, ou tenho vindo a tentar trabalhar com os miúdos esta flexibilidade da música. Há algumas questões por exemplo, há miúdos que me pedem a partitura, para músicas que para as quais não tenho partitura. Eu próprio noto que enquanto não imaginar como é que se escreve uma música, tenho dificuldade em aprendê-la, é um processo esquisito é como se nós para falarmos tivéssemos que ser capazes de escrever primeiro para depois conseguir articular as palavras, sem dúvida que isto tem a haver com o tipo de ensino que eu tive. As obras serem abertas ou fechadas, no ensino "conservatorial", tradição conservatório, nós temos uma obra que esta definida à partida, o material é muito elevado, e o objectivo do aluno ou do intérprete será tentar se aproximar o mais possível dessa ideia dada pelo compositor, na música que eu tento fazer o material muitas vezes é muito básico, e nesses aspecto assemelha-se ao material do jazz, e a música será tão mais alta quanto o músico a conseguir levar, e conseguir desenvolver. São maneiras de trabalhar diferentes, são maneiras de trabalhar que às vezes fluem com naturalidade, outras vezes esbarram em problemas concretos, mas são maneiras de trabalhar que eu penso que, pelo menos na minha academia, que têm sido

compatíveis, por vezes há uma questão muito simples que é todos nós, músicos de diferentes tradições, defendemos a criatividade, todos nós sentimos as limitações que poderemos ter encontrado no nosso percurso, ou formativo ou enquanto músicos, mas como é que nós enquanto professores - e este é um painel dedicado a pedagogia e a educação, - como é que nós conseguimos ensinar uma coisa que não nos foi transmitida, acontece nós falarmos em criatividade, os colegas estão de acordo, chegamos à planificação das aulas ou à definição dos programas, dizem: mas o que é que eu vou fazer nas aulas?; e voltamos de novo a estar presos à pauta. Portanto, eu acho que é muito importante haver uma abertura para outros panoramas musicais, no sentido de poder formar professores, poder dar vivência aos professores, para eles poderem aprender, para poderem ensinar aos seus alunos, porque enquanto não houver esta comunicação obviamente que as linguagens não se enriquecem, corremos o risco de fazer da cultura tradicional um museu, de fazer do conservatório um museu e nós pretendemos, justamente, aproveitar aquilo que é nosso, aquilo que já existe mas dar sempre vida nova, e para isso é necessário sem dúvida comunicarmos e estarmos juntos.